

JOSÉ RENATO LOPES ERTHAL E LAURA DE SIQUEIRA DUARTE

Geringonças urbanas: um estudo de caso sobre os dispositivos de ocupação dos ambulantes

Urban thingamajigs: a case study on the occupation devices of street vendors

Artifugios urbanos: un estudio de caso sobre los dispositivos de ocupación de los vendedores ambulantes

Geringonças urbanas: um estudo de caso sobre os dispositivos de ocupação dos ambulantes

Urban thingamajigs: a case study on the occupation devices of street vendors

Artulgios urbanos: un estudio de caso sobre los dispositivos de ocupación de los vendedores ambulantes

José Renato Lopes Erthal

Arquiteto Urbanista, pesquisador sem vínculo interessado nas áreas de urbanismo, projeto urbano e o fenômeno antropológico na cidade. Atua na área de urbanismo desenvolvendo projetos geométricos e de urbanização para a cidade do Rio de Janeiro, entre outras. Possui artigos publicados, incluindo trabalho selecionado como melhor artigo em congresso internacional.

Architect and Urban designer, independent researcher interested in urbanism, urban design and anthropological phenomena in the city. Works as an urban designer, developing geometric and urbanization projects for the city of Rio de Janeiro, among others. Has published articles, including a paper selected as the best article at an international conference.

Arquitecto y Urbanista, pesquisador no afiliado interesado en las áreas de urbanismo, diseño urbano y fenómenos antropológicos en la ciudad. Trabaja en el área de urbanismo, desarrollando proyectos geométricos y de urbanización para la ciudad de Río de Janeiro, entre otros. Ha publicado artículos, incluyendo un trabajo seleccionado como el mejor en un congreso internacional.

jrlopeserthal@gmail.com

Laura de Siqueira Duarte

Arquiteta Urbanista, pesquisadora sem vínculo interessada nas áreas de paisagismo e arquitetura sustentável; foi laureada com o 40º Prêmio Arquitetas e Arquitetos do Amanhã tendo recebido o destaque “Carmen Portinho” para os melhores trabalhos de graduação da área de sustentabilidade pelo IAB-RJ. Possui artigos publicados, incluindo trabalho selecionado como melhor artigo em congresso.

Architect and Urban Designer, independent researcher interested in landscaping and sustainable architecture; awarded the 40th Architects of Tomorrow Prize and received the “Carmen Portinho” award for the best undergraduate work in the area of sustainability from the IAB-RJ. Has published articles, including a paper selected as the best article in a congress.

Arquitecta y Urbanista, pesquisadora no afiliada interesada en las áreas de paisajismo y arquitectura sostenible; ganadora del 40º Premio Arquitectos del Mañana con énfasis “Carmen Portinho” al mejor trabajo de licenciatura en el área de sostenibilidad de la IAB-RJ. Ha publicado artículos, incluyendo un trabajo seleccionado como el mejor artículo de un congreso.

laura.knd@gmail.com

Resumo

Uma classe trabalhadora frequentemente em embate com o poder público devido ao seu caráter considerado “desregrado”, os vendedores ambulantes populam as brechas da cidade e respondem a uma demanda de mercado de maneira ágil e eficaz. Esses personagens da paisagem urbana improvisam, constroem e convertem ferramentas que se estendem como braços os conectando à cidade. Este artigo tem como objetivo investigar a atuação dos vendedores ambulantes como agentes de transformação urbana, analisando como suas práticas e dispositivos, aqui denominados “geringonças”, moldam a ambiência dos espaços públicos. Prevvia-se um papel sensível e simbólico desses comerciantes na construção da vivência urbana, o que se confirmou com a pesquisa, abordando conceitos como ambiência, memória afetiva, apropriação e corpografia. Após estudar os conceitos envolvidos, se elegeu um estudo de caso para aprofundar a pesquisa do tema. O estudo de caso ocorreu entre os meses de abril e novembro de 2022 e envolveu entrevistas com o comerciante, uma primeira análise, observando as dinâmicas como um todo de forma externa e, então, uma análise imersiva, por fim, conversamos com alguns de seus clientes. A presença dos ambulantes marca a experiência na cidade. Neste artigo comprovou-se que as intervenções do ambulante realizadas por meio de geringonças, mesmo que efêmeras, têm o poder de modificar a ambiência de um lugar, instaurando novas dinâmicas de convivência, pertencimento e uso. A atuação desse comerciante ressignifica espaços negligenciados pela cidade formal, criando microambiências que influenciam a percepção, o comportamento e a memória coletiva dos usuários. Isto torna estes agentes espaciais informais, capazes de transformar a paisagem urbana, promovendo usos e experiências que escapam às lógicas tradicionais do planejamento urbano. Essa subversão da visão formal de organização urbana pela visão da cidade vivida, traz uma conjuntura de gestos que constroem camadas de memória, afeto e funcionalidade, ajudando a deixar as cidades mais humanas.

Palavras-chave: Geringonça. Micro-ambiências. Ambulante.

Abstract

A working class often persecuted by public authorities for its “unregulated” nature, street vendors occupy the cracks in the city and respond to market demands in agile and intelligent ways. These figures of the urban landscape improvise, construct, and adapt tools that extend like limbs, connecting them to the city. This article aims to investigate the role of street vendors as agents of urban transformation, analyzing how their practices and devices, here referred to as “thingamajigs”, shape the ambience of public spaces. It was hypothesized that these vendors play a sensitive and symbolic role in shaping urban experience, a premise that was confirmed through research. The study draws on concepts such as ambience, affective memory, appropriation, and corpography. After examining the theoretical framework, a case study was chosen to deepen the investigation. Conducted between April and November 2022, the study involved interviews with the vendor, an initial observational analysis of the site’s dynamics, followed by an immersive analysis, and finally, conversations with some of the vendor’s customers. The presence of street vendors is a defining element of the urban experience. This article demonstrates that vendor-led interventions through geringonças, even if ephemeral, have the power to alter the ambience of a place, establishing new dynamics of interaction,

belonging, and use. Their presence and actions reframe spaces overlooked by formal urban planning, creating micro-ambiances that influence perception, behavior, and collective memory. As such, street vendors emerge as informal spatial agents capable of transforming the urban landscape and fostering uses and experiences beyond traditional planning logics. This subversion of the formal vision of urban organization in favor of the lived city reveals a framework of everyday gestures that build layers of memory, affection, and functionality — helping to make cities more human.

Keywords: thingamajigs. micro-ambiances. Street vendor.

Resumen

Una clase trabajadora perseguida por el poder público debido a su carácter “desordenado”, los vendedores ambulantes ocupan las grietas de la ciudad y responden a la demanda del mercado de manera ágil e inteligente. Estos personajes del paisaje urbano improvisan, construyen y adaptan herramientas que se extienden como brazos, conectándolos con la ciudad. Este artículo tiene como objetivo investigar la actuación de los vendedores ambulantes como agentes de transformación urbana, analizando cómo sus prácticas y dispositivos, aquí denominados “artilugios”, moldean la ambiencia de los espacios públicos. Se preveía un papel sensible y simbólico de estos comerciantes en la construcción de la vivencia urbana, lo que se confirmó con la investigación. Se abordaron conceptos como ambiencia, memoria afectiva, apropiación y corpografía. Tras estudiar el marco conceptual, se eligió un estudio de caso para profundizar en la investigación del tema. El estudio se llevó a cabo entre los meses de abril y noviembre de 2022 e incluyó entrevistas con el comerciante, un análisis inicial observando externamente las dinámicas del lugar, seguido de un análisis inmersivo, y finalmente, entrevistas con algunos de sus clientes. La presencia de los ambulantes marca la experiencia en la ciudad. Este artículo demuestra que las intervenciones de los vendedores, realizadas mediante geringonças, incluso siendo efímeras, tienen el poder de modificar la ambiencia de un lugar, instaurando nuevas dinámicas de convivencia, pertenencia y uso. La presencia y actuación del vendedor ambulante resignifican espacios olvidados por la ciudad formal, creando microambiencias que influyen en la percepción, el comportamiento y la memoria colectiva de los usuarios, convirtiendo a estos actores informales en agentes espaciales capaces de transformar el paisaje urbano, promoviendo usos y experiencias que escapan a las lógicas tradicionales de la planificación urbana. Esta subversión de la visión formal de organización urbana en favor de una ciudad vivida revela un conjunto de gestos cotidianos que construyen capas de memoria, afecto y funcionalidad, ayudando a hacer las ciudades más humanas.

Palabras clave: Artilugios. Microambiencias. Vendedores ambulantes.

Introdução

O presente artigo visa entender a relação dos vendedores ambulantes, seus dispositivos de ocupação urbana e a cidade, onde o ambulante é mais que um cargo ocupacional, é uma expressão histórica e um agente de mudança capaz de moldar a malha social vigente trazendo intervenções que perduram na maneira que o espaço se desdobra. A partir do entendimento sobre o conceito de ambiências, busca-se estudar como os ambulantes afetam a cidade, como esse comércio altera a vivência urbana e quais ferramentas usam para fazê-lo.

Desde o período medieval vemos exemplos de como o desenvolvimento das cidades está intimamente ligado ao comércio. Seus mercados viajavam entre os feudos para comercializar seus produtos e, com o tempo, foram criando entrepostos nestas rotas comerciais onde se formaram assentamentos que viriam a ser os burgos. A interação entre cidades e mercados moldou o crescimento urbano, a economia, as relações sociais e estimulou o renascimento destes locais (Costa e Mello 2008), mostrando como esses comerciantes ambulantes desempenharam um papel crucial na história das cidades. O trecho seguinte de Le Goff (1982) se refere a uma classe mercantil medieval, rica e estabelecida, mas serve muito bem para ilustrar a relação íntima entre comerciantes ambulantes e a cidade.

É na sua cidade que (os mercadores medievais) pensam quase sempre. Ela está na primeira linha das suas preocupações, dos seus afetos. É certo que o patriotismo urbano dos mercadores também é interesseiro. A sua cidade é o centro, a base dos seus negócios e do seu poder. Se ela lhes deve muito, eles devem-lhe muito também. (...). (Le Goff, 1982, p. 93-94)

A cidade é um organismo vivo que articula inúmeros percursos, encontros e manifestações simultaneamente. Dentre os agentes do cotidiano, permeando as paisagens fixas, vemos um palco de manifestações efêmeras dos mais diversos tipos. Em meio às multidões urbanas, comerciantes informais se instalam exibindo bens e serviços para as pessoas que passam. Em espaços vestigiais, deixados de lado pela dinâmica da cidade, ou interstícios, que servem apenas como espaços de conexão, os vendedores ambulantes veem uma oportunidade de ocupação efêmera e, a partir desse processo, tornam-se atores urbanos capazes de alterar esse ecossistema espacial. Com base nos conceitos estabelecidos, a pesquisa que está na base deste artigo fez um estudo sobre as ferramentas e estratégias dos ambulantes e como eles as empregam.

Nomenclaturas

Para permitir uma maior compreensão das reflexões apresentadas mais adiante, apresenta-se aqui um pequeno glossário explicativo dos termos utilizados no trabalho: comércio ambulante; geringonças; lugar arquetípico; memória afetiva.

Comércio ambulante

Define-se como “comerciante ambulante” aquele que, por risco próprio, apregoa bens ou serviços em espaços públicos ou de porta em porta (Lei Nº 6.586, de 6 de Novembro de 1978). São uma resposta ágil a uma demanda relativamente constante de bens e serviços de diversos setores. É necessário o caráter efêmero e sem laços formais a um local fixo, para que um vendedor seja considerado “ambulante” (Priberam, 2025). São aqueles comerciantes que percorrem, ou ocupam temporariamente os espaços públicos da cidade, apropriando-se de diversos modos dos elementos espaciais da mesma.

Geringonças

Pettená e Espósito (2020, pp. 108-127) discursam sobre a ocupação do espaço público através de “dispositivos”, aqui referidos como geringonças, considerados elementos não arquitetônicos, mas que, quando são articulados a uma intenção territorial, são capazes de formar uma intervenção urbana na ambiência local. Trata-se da cadeira do engraxate, do carrinho de pipoca, a tenda do pastel ou o gancho do cacho de balas [1]. De certa forma, as geringonças podem ser compreendidas como extensão do corpo do ambulante, uma vez que este e seu comércio são vistos como um só conjunto indivisível, categorizando esse elemento mobilizador de uma certa dinâmica local. É uma ferramenta que serve para complementar, em termos de capacidade, tudo aquilo que o ambulante, apenas, não é capaz de resolver. Permite, por exemplo, carregar mais peso, acomodar melhor um tipo de mercadoria, possibilita a prestação de um serviço, ou a ocupação de um espaço. Enfim, a geringonça intermedia o corpo do ambulante, a cidade, e os bens e serviços que este oferta.

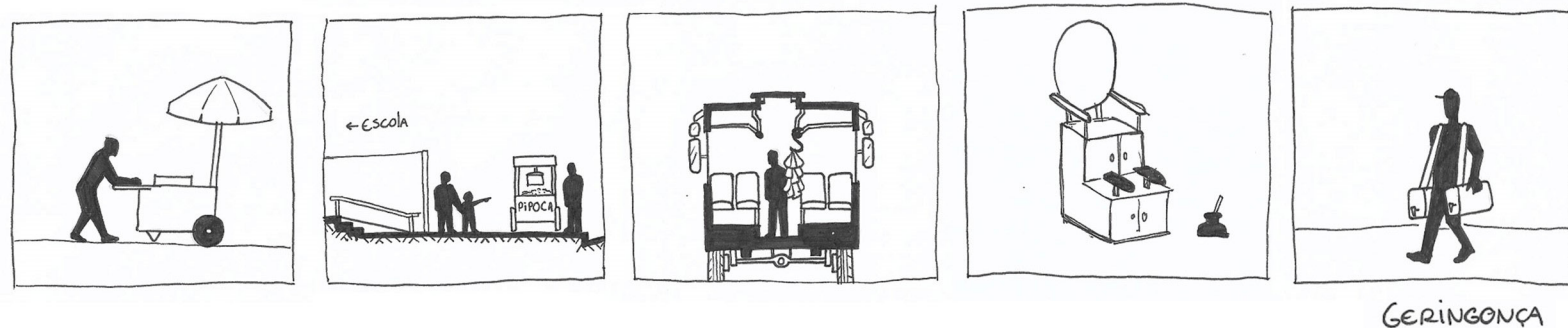


FIGURA 1 – Croqui mostrando diferentes geringonças.

Fonte: Autores, 2022

Lugar arquitetônico

A arquitetura, definida por Rossi (1982), é um gesto humano fundamental de transformação e organização do espaço, por meio do qual a coletividade imprime sua memória, história e identidade na forma física de um local. Além de seu caráter físico, a cidade e sua arquitetura refletem as experiências, hábitos e história de seus habitantes, carregando significados culturais e simbólicos. Destaca-se, então, a importância do caráter da memória, da permanência e da coletividade, não se atrelando a uma relação de escala, mas a uma relação de intenção e impacto. Da mesma forma, Lacerda (2007) pontua que a cidade é um resultado do conjunto de esforços de uma população e que nela imprime-se sua história:

As cidades, além de serem evidências tangíveis da sociedade, constituem uma realização do trabalho social acumulado, ou seja, elas representam expressões materiais do modo de vida e de produção da sociedade. A cidade é um imbricado histórico, sua lógica espacial constitui uma totalidade de relações (culturais, políticas, econômicas e sociais), na qual a parte preponderante ou dominante dessas relações pode influir na determinação de suas características estruturais. (Lacerda, 2007, p.3)

O conceito de lugar arquitetônico vai além de um simples espaço físico. Ele envolve uma relação profunda entre o espaço, o tempo, o uso e o significado atribuído pelas pessoas que o habitam ou experienciam. Lugar é um espaço carregado de significado, moldado pela interação entre elementos físicos, culturais, históricos e sensoriais, que cria uma identidade única percebida e vivenciada pelas pessoas (Tuan, 1983).

A partir de tais adequações (se referindo às modificações feitas pelo usuário ao ambiente construído para atender suas necessidades), criam-se identidades próprias para as inter-relações humanas e o registro de suas próprias histórias. É neste momento de consolidação afetiva que um espaço se transforma em Lugar. (Duarte et al, 2023, p. 31)

Memória afetiva

Bachelard (1998) argumenta que o ambiente construído carrega significados simbólicos e afetivos, que se formam a partir da relação íntima entre o sujeito e o espaço ao longo do tempo. Lugares cotidianos podem despertar memórias profundas, sensações e imagens mentais, que por sua vez, ditam o que chamamos de memória afetiva. A memória afetiva é, então, aquela que carrega sentimentos, ela traz não apenas a lembrança, mas o motivo que faz lembrar (Carvalho, 2012). Esses espaços, portanto, tornam-se cenários de experiências sensoriais e poéticas, influenciando a maneira como nos conectamos com o mundo.

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e reflexão do geômetra. É vivido. E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. (Bachelard, 1998, p. 19)

Fundamentação

A ambiência, como definido por Duarte e Pinheiro (2023), é um conjunto que engloba não só os aspectos materiais, como a experiência sensorial do lugar, mas também o imaterial como o afeto e a memória. Estão entrelaçados à ambiência questões socioculturais, como o ritmo da cidade e o movimento, e o contexto físico, como o suporte urbano e arquitetônico presente. Já o autor Augoyard traz a definição de ambiência como “um plural de pedaços justapostos e cacofônicos capazes de induzir um certo clima a partir de dimensões não visíveis de espaço construído” (Augoyard, 2008, p.58-60). A ambiência, portanto, necessita que o espaço ganhe história, afeto e significado para poder permitir uma identificação e a consequente interação e vivência que o transformam.

A apropriação de um lugar acontece quando o sujeito funde sua própria expressão a um lugar que se sente pertencente, mostrando um apego do indivíduo ao espaço. Os humanos são seres sociais, necessitam de uma relação com o outro, mas também uma relação com o meio ambiente e o espaço físico (Maslow, 1954). Essa relação do indivíduo com o Lugar vem de uma vivência experienciada ali, uma tradição ou acontecimento que cria uma memória afetiva e, portanto, um vínculo que, por sua vez, gera a sensação de pertencimento. Segundo Lambert et al (2013, p. 1418-1427) o sentimento de pertencimento é construído essencialmente a partir de elementos de história, sociais e ambientais.

A apropriação envolve o conceito de posse do território, não em termos legais, mas no que tange à identificação e apego dos sujeitos ao ambiente e à liberdade para intervir no mesmo, conferindo a ele sua marca pessoal. (Elali, 2009)

Esses processos estéticos e simbólicos de apropriação dependem da existência de uma relação entre indivíduos que compartilham de uma identidade, que pode se manifestar em cores, formas e sensações. Algumas ambiências permitem que o sujeito desenvolva um sentimento de pertencimento que adere à sua identidade ancorada em um suporte espacial (Duarte; Pinheiro, 2013). Este sentimento de afeto permite que a pessoa se reconheça como integrante de uma sociedade urbana, favorecendo o processo de apropriação do Lugar.

É através desse processo que o espaço deixa de ser apenas uma estrutura física neutra e passa a refletir a subjetividade e a história do sujeito. Segundo Fischer (2002) o pertencimento emerge como consequência direta da apropriação: ao moldar e personalizar o espaço, o indivíduo passa a sentir-se parte dele, estabelecendo vínculos emocionais e simbólicos que o fazem reconhecer aquele lugar como seu.

Geringonças urbanas: um estudo de caso sobre os dispositivos de ocupação dos ambulantes

Urban thingamajigs: a case study on the occupation devices of street vendors

Artulgios urbanos: un estudio de caso sobre los dispositivos de ocupación de los vendedores ambulantes

Uma vez reconhecendo a própria reivindicação daquele espaço urbano, subsequentemente se torna necessário entender como os outros habitantes do espaço legitimam essa ocupação. Leonardo Vargas (2021) traz em seu texto o conceito de territorialidade como uma forma de organizar o espaço psicologicamente, onde o reconhecimento desses espaços orienta o comportamento de outros indivíduos quanto a ele. Essa associação do lugar pode se referir, de modo geral, a comunidades, pessoas, grupos étnico-sociais e até mesmo um único indivíduo.

Ao ocupar-se de um espaço urbano, o ambulante, e aqueles ao redor, entendem a relação de território que este desfruta naquele local ocupado. Dessa forma, um camelô que delimita com suas geringonças, um espaço interno de onde ele opera suas vendas, se sente justificado em irritar-se com um embriagado que invade “seu” espaço aos tropeços, por exemplo. Se entendermos então as geringonças como as ferramentas da apropriação, e se as compreendermos como a extensão do corpo do ambulante que ocupa o espaço, então estudar as geringonças se torna o ato de entender as ambiências urbanas através das experiências corpóreas, naturais e/ou estendidas.

O conceito de corpografia, segundo Jacques (2008), refere-se a uma abordagem sensível e corporal da experiência urbana, que valoriza a percepção do corpo na cidade. Em vez de olhar a cidade apenas por representações abstratas, como mapas ou plantas, a corpografia propõe cartografar a cidade a partir da vivência física, emocional e sensorial dos corpos que a percorrem. A autora defende que a cidade deve ser compreendida como algo em constante transformação, sendo vivida, sentida e apropriada por aqueles que a habitam e a reinventam. Assim, a corpografia revela a cidade a partir do cotidiano, dos gestos, dos movimentos e das relações afetivas entre corpos e lugares.

Metodologia

Para melhor entender o efeito que o comerciante tem sobre a ambiência do lugar, elegeu-se um estudo de caso em que se pudesse acompanhar como os ambulantes se inserem e afetam os espaços da cidade, com quais ferramentas eles o fazem e sua vivência diária. Optou-se por escolher, como estudo de caso, o vendedor de mate de praia (modalidade de comércio ambulante icônica das paisagens cariocas, sendo até considerado patrimônio cultural e imaterial desde 2012) Rodnei da Silva Moreira, o “Nei Matte”, que opera nas portas de uma faculdade, e não mais na praia. Ao observar um mateiro removido da praia, foi possível perceber como suas geringonças teriam respondido a essa mudança de cenário. Além disso, em seu espaço, foi possível observar, claramente, diversas dinâmicas percorridas anteriormente. Mas o aspecto que mais chamou a atenção, durante a análise, foi o grande senso de pertencimento que Nei sente e imprime nos outros usuários do local onde se insere, e como ele foi capaz de criar uma ambiência única em um espaço vestigial. O estudo de caso ocorreu entre os meses de abril e novembro de 2022 e envolveu entrevistas com o comerciante, uma primeira análise externa, observando as dinâmicas existentes de forma afastada e, então, uma análise imersiva, por fim, conversou-se com alguns de seus clientes.

Inicialmente foram feitas algumas perguntas ao Nei, quando acompanhou-se sua rotina, do momento em que chega e monta sua barraca até quando encerra suas operações pelo dia. Mesmo nesse primeiro momento ficou clara a facilidade de comunicação com o ambulante e as pessoas que ficavam em seu entorno. Após um período de observação para compreender as dinâmicas do local, foi feita uma imersão, entrando no ciclo de socialização que se criava em torno do Nei.

Geringonças urbanas: um estudo de caso sobre os dispositivos de ocupação dos ambulantes

Urban thingamajigs: a case study on the occupation devices of street vendors

Artifugios urbanos: un estudio de caso sobre los dispositivos de ocupación de los vendedores ambulantes

Ao se dispor a vivenciar e mergulhar na experiência, o pesquisador passa a ser também objeto de observação e, quando participa rotineiramente das atividades do grupo social estudado a técnica se torna, então, a “observação participante” (Eckert, 2004, p.45-58), onde o estudo se aprofunda e permite ao pesquisador analisar na vida social os valores éticos e morais, os códigos de emoções, as intenções e as motivações da sociedade estudada.

Nesse momento, a coleta de dados iconográficos foi essencial para o mapeamento da rotina do mateiro. Foram tiradas fotografias, registrando os horários de maior e menor movimento, os momentos de entrada e saída das turmas, dias ensolarados ou chuvosos, bem como esses fatores influenciavam no espaço do Nei Matte e na ambiência que se manifestava ali. Outra ferramenta que subsidiou as análises foi a elaboração de croquis [2] que retratassem situações observadas, aspectos positivos e negativos das geringonças presentes [3], esboçou-se possíveis soluções, de modo que ficasse bem entendido o funcionamento do conjunto como um todo, seus acertos e suas fraquezas.



FIGURA 2 (ESQUERDA) - Desenvolvimento de croquis junto ao ambulante.

Fonte: Autores, 2022



FIGURA 3 (DIREITA) - Nei amarra de maneira improvisada sombrinha ao carrinho.

Fonte: Autores, 2022

À medida que se adquiriu mais intimidade com o grupo de frequentadores da barraca de mate, foram feitas entrevistas com esses frequentadores, alguns com a presença do ambulante e outros quando ele já havia partido. Por fim, foi feita uma última entrevista com o comerciante agora focada em esclarecer os aspectos percebidos durante as fases anteriores. Paralelamente, o estudo de caso foi comparado a outros trabalhos publicados ou em andamento. Com isso, foi possível elaborar reflexões que serão comentadas mais adiante.

O estudo de caso: Nei Matte

Rodnei, antes de 2017, já complementava sua renda, nos finais de semana, como mateiro na praia. Nos dias de sol, caminhava pela praia oferecendo o refresco para praianos com sede, mas identificou que havia um potencial de obter maiores lucros com a venda da bebida. As variáveis externas, como clima, época do ano e dia da semana, limitavam as suas janelas de oportunidade de vendas. Nei decidiu então que se sua clientela não iria até a praia, então ele iria levar seu produto à clientela, onde ela estivesse. Após uma averiguação pessoal, percebeu que uma boa parte de seus clientes que frequentavam a praia eram jovens que estudavam em uma universidade da zona sul da cidade: a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), na Gávea. Decide então migrar suas operações para a entrada principal da universidade.

Geringonças urbanas: um estudo de caso sobre os dispositivos de ocupação dos ambulantes

Urban thingamajigs: a case study on the occupation devices of street vendors

Artifugios urbanos: un estudio de caso sobre los dispositivos de ocupación de los vendedores ambulantes

Nei já contava com uma geringonça, pensada para a venda móvel da bebida: dois galões de metal pendurados aos ombros, que permitem carregar o líquido ao longo da praia, mas uma vez ocupando um ponto fixo, esses dispositivos não precisavam mais ser permanentemente carregados pelo seu corpo. Logo arranhou uma mesa para aliviar o peso, em seguida, cadeiras, e em pouco tempo já tinha providenciado uma cobertura que protegia do sol as suas bebidas e seus clientes. Essa evolução de sua geringonça [4] acabou por criar um abrigo, que por sua vez, se desdobrou em um espaço de permanência, sempre se atentando ao posicionamento do conjunto, adjacente ao movimento, de forma a não causar nenhum distúrbio à dinâmica pré-existente do local, minimizando conflitos e garantindo que seria bem-vindo. A análise revela que seus dispositivos de trabalho, seus produtos e seu carisma se tornaram o centro de uma micro-ambiência, ou seja, uma pequena ambiência criada por dinâmicas sociais que se justapõem para construir uma atmosfera maior ou uma macro-ambiência mais complexa (Lira, 2015), em um canto esquecido da cidade do Rio de Janeiro: o portão das obras desativadas de uma estação de metrô adjacente à entrada da faculdade. Articulando diversos elementos em uma microarquitetura, enfim adquiriu um carrinho que realizava a tarefa de diversos objetos, de uma vez só. Finalmente, este carrinho em si sofreu um processo dinâmico de evolução. Essa sucessão de alterações ilustra a capacidade dos ambulantes de se adaptarem e se fixarem no contexto da cidade: com criatividade e poucos recursos, eles são capazes de intuir as necessidades dos usuários e aproveitar as brechas urbanas para garantirem sua clientela.



FIGURA 4 - Evolução das geringonças de nei, em resposta ao novo ambiente

Fonte: Fonte: @neimateoficial. Instagram, 2017, 2022. Acesso em: 2025

Geringonças urbanas: um estudo de caso sobre os dispositivos de ocupação dos ambulantes

Urban thingamajigs: a case study on the occupation devices of street vendors

Artifugios urbanos: un estudio de caso sobre los dispositivos de ocupación de los vendedores ambulantes

Essa geringonça passa a fornecer uma cobertura para o sol, superfície para apoiar itens pessoais, bancos para descansar e até mesmo uma caixa de som. Aliada à personalidade extrovertida do próprio Nei, acaba criando, em um antigo vazio urbano, uma ambiência convidativa para os clientes-amigos, a quem se refere como “crias”. Alunos que desejam matar tempo (ou aulas) com Nei são bem-vindos para se sentarem e conversarem com outros alunos, transeuntes e com o próprio ambulante. Enquanto alguns escolhem manter uma relação apenas superficial, outros compartilham conversas sobre suas vidas e assim o Nei acaba acompanhando a trajetória dos alunos ao longo dos anos na faculdade: vê alunos ingressando e se formando. Esses “crias” mais chegados têm total conforto em adentrar o espaço criado entre a barraca e o portão de acesso desativado de onde Nei administra as vendas. Esse espaço ganhou um caráter mais íntimo, mostrando que essa microarquitetura criou um “cômodo” através do uso.

FIGURA 5 - Croqui da planta baixa dos espaços do Nei

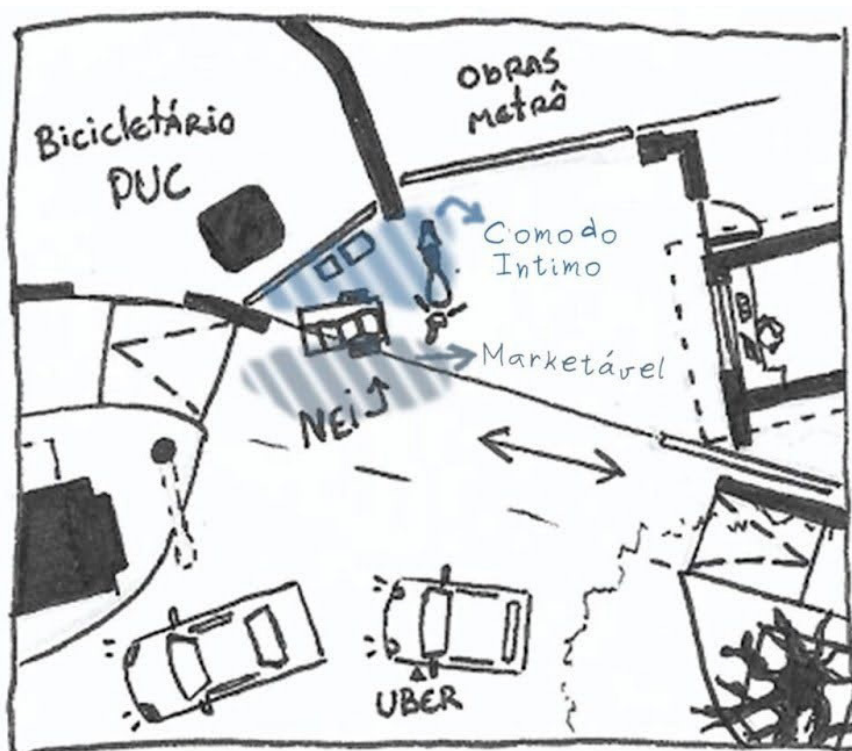
Fonte: Autores, 2022

FIGURA 6 (esquerda) - Barraca do Nei com “crias” se reunindo no “cômodo íntimo”

Fonte: Autores, 2022

FIGURA 7 (direita) - “Cômodo íntimo” com pertences de alunos. “Cria” tomando conta da barraca na ausência de Nei

Fonte: Autores, 2022



Geringonças urbanas: um estudo de caso sobre os dispositivos de ocupação dos ambulantes

Urban thingamajigs: a case study on the occupation devices of street vendors

Artifugios urbanos: un estudio de caso sobre los dispositivos de ocupación de los vendedores ambulantes

Voltada ao público passante, a barraca de mate é “marketável”, ou seja, ela tem um apelo visual para vender seu produto, enquanto no “cômodo” interno fica a fachada mais operacional do Nei [FIGURA 5]. Naquele espaço, pessoas que antes não se conheciam, parecem se sentir confortáveis em interagir uns com os outros, conversam em alto e bom tom sobre uma grande gama de assuntos, tudo isso regado a chá mate gelado [FIGURA 6]. O fato de alunos deixarem objetos pessoais guardados no local (bicicletas, mochilas, skates, casacos etc.) demonstra que eles se sentem pertencentes àquele espaço. Por outro lado, quando Nei precisa se ausentar, os “crias” ficam encarregados de cuidar da barraca e, por consequência, cuidam das vendas e desse espaço íntimo até o retorno do comerciante [FIGURA 7]. Essa dinâmica de cooperação se tornou tão intrínseca que acabou refletida também nas próprias geringonças que constituem o conjunto. O próprio carrinho foi resultado de um trabalho final de graduação de um aluno junto ao ambulante e o envelopamento que o recobre, um trabalho de identidade visual de alunos de design. Adesivos colocados por alunos decoram todos os galões e o Nei, junto aos “crias”, desenvolveram inclusive uma logomarca utilizada em produtos como garrafas térmicas e bonés, que são vendidos na barraca.

Agora, aquele espaço em frente ao portão parece ter se integrado à paisagem com o ambulante presente. A monotonia do portão de ferro contrasta com o aparente caos vívido que o Nei traz ao lugar.

Nos dias em que o Nei não pode vir, fica uma sensação de que falta algo. O lugar fica mais vazio, mais quieto. (entrevista com “cria”1)

Sem o ambulante, os “crias”, que antes ficavam conversando na barraca, apontam a ausência de um local para se sentarem e estarem expostos uns aos outros e, portanto, lhes faltam oportunidades de interagirem. Para eles, é como se o falatório ficasse adormecido até a barraca de mate se abrir novamente.

É como se todo dia Jackson Pollock pintasse um quadro ali e no fim do dia esse quadro fosse pintado de branco novamente (entrevista com “cria”2)

O entendimento sobre as relações de ocupação e espaço, presentes no fenômeno do comércio ambulante traz à tona uma outra escala de transformação urbana, que não fala sobre grandes intervenções infra-estruturais ou de planejamento, mas sim da insurgência urbana e dos impactos destas ocupações na paisagem da cidade.

Resultados

Foi possível observar que a presença do ambulante está interligada com a experiência na cidade. A presença dessa classe de comerciantes marca a experiência urbana. O cheiro atrelado à saída da escola, onde sempre se encontra um pipoqueiro, o falatório gerado pela presença do Nei Matte, a completa mudança de cenário quando há uma feirinha em uma rua, a demarcação física de um espaço para sentar e aproveitar um lanche das barraquinhas de pastel. Essas intervenções efêmeras podem alterar o layout espacial de locais públicos, tornando praças expansivas em uma série de corredores estreitos, em uma escala mais humana do que o comércio que formal. Sensorialmente, podem trazer uma variedade de elementos, cores, cheiros e sons que estimulam e seduzem potenciais clientes. Brincando com os sentidos, oferecem uma nova oportunidade de experienciar um sítio urbano e permitem novos usos que reativam espaços esquecidos pela dinâmica da cidade, podendo inclusive exercer influência sobre as emoções daqueles presentes.

A pesquisa demonstrou que as geringonças ajudam a traçar territórios temporários dentro da cidade; são instrumentos de corpografias urbanas que revelam uma forma de habitar e produzir cidade que não é necessariamente prevista pelo planejamento urbano formal, mas muito eficaz e viva. Elas fazem parte de uma dança arquitetônica de objetos fixos e suas subversões por meio de intervenções temporárias que ditam ritmos diferentes e geram mais espontaneidade na cidade.

O estudo do caso escolhido mostrou que o comércio ambulante pode ser uma das ferramentas das quais a cidade dispõe para reinventar suas ambiências, capaz de retratar estas, mesmo que momentaneamente, de uma nova forma. As geringonças, como já exemplificado neste texto, alteram elementos sensoriais do espaço, mudando a interação das pessoas com ele. Essa nova interação, por vezes, ressignifica o espaço, criando novos usos, novos estímulos e gerando memórias afetivas atreladas a um espaço fixo onde um ambulante, temporariamente, altera a experiência de seus usuários. Os resultados levam a sustentar que a intervenção dos ambulantes e suas geringonças podem gerar um impacto que perdura além da duração de sua estadia, marcando não apenas o espaço, mas também as pessoas.

Os ambulantes e suas geringonças fazem parte da paisagem urbana cotidiana. O estudo de caso de Nei Matte ilustra como um espaço pode ser ressignificado por meio de práticas informais, transformando-se em ponto de encontro, sociabilidade e identidade coletiva. Sua barraca não é apenas um ponto de venda, mas uma estrutura viva, moldada em constante diálogo com os usuários e com o contexto urbano. Essas intervenções, mesmo efêmeras, têm o poder de modificar a ambiência de um lugar, instaurando novas dinâmicas de convivência, pertencimento e uso.

Conclusão

Ao olhar para o comércio ambulante como uma forma legítima e popular de produção espacial e cultural, este artigo propôs um deslocamento do olhar sobre a cidade: do planejamento formal para a cidade vivida, onde gestos cotidianos, como montar uma barraca ou oferecer um mate, constroem camadas de memória, afeto e funcionalidade. Assim, reafirma-se que a cidade é, acima de tudo, um campo de disputas e invenções, onde mesmo os elementos mais simples podem deixar marcas profundas na dinâmica e nas experiências urbanas.

A inteligência empírica de ocupação dos locais públicos desses “camelôs” dá aos ambulantes uma visão sobre o espaço público que é única. Devido a sua natureza majoritariamente informal, e sua livre modalidade, o “camelô” toma um caráter de adaptabilidade e flexibilidade, que o torna apto a ocupar os espaços públicos e levar seus produtos diretamente até seus clientes, da maneira mais conveniente possível. Esses ambulantes, como a pesquisa demonstrou, são fluentes em ocupar os espaços comuns, operando sobre a paisagem cotidiana da cidade como agentes do espaço urbano.

Foi possível compreender que o *modus operandi* enxuto dos ambulantes conversa diretamente com a sua prática de ocupação. A característica efêmera da ocupação reflete a necessidade de ocupar espaços de ordem pública sem causar grandes disputas de interesse com os poderes pertinentes. Verificou-se pela pesquisa que a presença do comerciante informal traz uma situação ambígua ao introduzir uma variável no cenário comercial dos arredores, podendo gerar oportunidades ou ameaças aos outros estabelecimentos. Respeitando isso, o ambulante evita criar mais transtornos do que benefícios, mantendo uma simbiose com o seu entorno.

Como resposta aos desafios de suas ocupações, os ambulantes sentem a necessidade de desenvolver instrumentos que os auxiliem nestes processos, e que possibilitem a venda de seus bens e serviços sem perder seu caráter efêmero, as geringonças. Uma vez que não possuem muita autoridade sobre os elementos construídos dos espaços onde se inserem, utilizam-se de objetos não permanentes, compatíveis com a efemeridade de suas respectivas modalidades, muito frequentemente de maneira improvisada, mas podendo ser a partir de produtos manufaturados. Sendo um dos únicos elementos físicos que o ambulante é capaz de articular, a geringonça se torna o pivô com o qual ele molda a ambiência de um local. Um comerciante ambulante, geralmente, só é capaz de alterar o espaço com ações aditivas temporárias, ou seja, não podem construir elementos permanentes, nem derrubar elementos existentes, mas eles podem trazer consigo elementos capazes de realizar as funções que eles desejam, impactando seus arredores.

O fenômeno do ambulante é observado em todos os grandes centros urbanos do mundo, de um jeito ou de outro. É difícil imaginar como seriam esses locais sem a presença desses comércios; o ambulante surge da cidade e a cidade surge através do ambulante, com ambiências em constante estado de reinvenção. O comerciante informal é, então, um ator urbano capaz de transformar seu entorno, e sua geringonça, uma ferramenta de mediação com a cidade que se encaixa em uma escala de arquitetura.

Referências

- AUGOYARD, Jean François. **La construction des atmosphères quotidiennes**: l'ordinaire de la culture, Culture et Recherche. In: Revue des Ambiances, n. 114-115, 2008, pp. 58-60.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRASIL. **Lei Nº 6.586, de 6 de Novembro de 1978**. Diário Oficial da União: seção, Brasília, DF. 06 Nov. 1978.
- CARVALHO, S. R. **Memória afetiva e fonte de informação**: um estudo de caso das narrativas musicais de Teixeira. Trabalho de conclusão de curso. Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- COSTA, Luís César Amad e MELLO, Leonel Itaussu A. **História Geral e do Brasil**: da Pré-História ao Século XXI. São Paulo: Scipione, 2008.
- DUARTE, C. R. et al. **Experiência do lugar arquitetônico**. [s.l.] Rio Books, 2023.
- DUARTE, C.R. e PINHEIRO, E. Imagine uma tarde chuvosa... pesquisas sobre ambiência, alteridade e afeto. In: **Anais do 6 Projeter**. O Projeto como Instrumento para a Materialização da Arquitetura: ensino, pesquisa e prática. Salvador, nov. 2013.
- ECKERT, Cornelia. **Observação participante e a experiência urbana**: corpo, cidade e antropologia. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 45-58, 2004.
- ELALI, Gleice Azambuja. Relações entre comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na psicologia ambiental. In: **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA – UFRJ**, 13., 2009, Rio de Janeiro. Anais do Colóquio Ambiências Compartilhadas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- ESPOSITO GALARCE, F.; SENNA PETTENA, A. **Arquitetura Efêmera E Insurgência Urbana**. Estratégias De Apropriação Do Comércio Ambulante Nos Espaços Intersticiais Do Brt Transoeste, Rio De Janeiro. , 38, 57, pp.108-127. ISSN 0716-2677.

Geringonças urbanas: um estudo de caso sobre os dispositivos de ocupação dos ambulantes

Urban thingamajigs: a case study on the occupation devices of street vendors

Artículos urbanos: un estudio de caso sobre los dispositivos de ocupación de los vendedores ambulantes

FISCHER, Gustave-Nicolas. **Espaço, evolução e conflito**: contribuição para uma psicologia do espaço. São Paulo: Papirus, 2002.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. Arqutextos, São Paulo, ano 08, n. 093.07, fev. 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>. Acesso em: 18 mai 2025.

LACERDA, S. et al. **O Surgimento Do Comércio Medieval XI Inic / VII Epg** - UNIVAP 2007. [s.l.: s.n.]. Disponível em: https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/sociais/epg/EPG00293_010.pdf. Acesso em 18 mai 2025.

LAMBERT, N. M. et al. **To Belong Is to Matter**: Sense of Belonging Enhances Meaning in Life. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 39, n. 11, p. 1418–1427, 2013.

LE GOFF, Jacques. **Mercadores e Banqueiros da Idade Média**. Tradução de Orlando Cardoso. Lisboa: Gradiva, s/d. (Coleção “Construir o passado”).

LIRA, E. M. R. **Um convite à reciprocidade**: Bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos. Tese (Doutorado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MASLOW, A. H. **A Theory of Human Motivation**. BN Publish ed. New York: 2013, 1954.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Verbete: vendedor ambulante. Lisboa: Priberam Informática, [2025]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/vendedor%20ambulante>. Acesso em: 18 mai 2025.

ROSSI, Aldo. **The architecture of the city**. Translated by Diane Ghirardo; introduction by Joan Ockman. Cambridge, MA: MIT Press, 1982.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VARGAS, L. O. P. **A importância da qualidade do lugar para a apropriação do ambiente corporativo**. Monografia em Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal do Espírito Santo IFES, 2021.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 21/05/2025

Aprovado em 30/05/2025